

“As Adufeiras de Monsanto” (Idanha-a-Nova)

## “As Adufeiras de Monsanto”

As luzes da ribalta de grandes produções musicais não atemorizam As Adufeiras de Monsanto, tantas são as vezes que a cena de espectáculos de referência se abre para o original grupo de cantadeiras, que se alardeia pelo país e pelo estrangeiro, numa incessante roda-viva de inesquecíveis actuações. Celebrizaram o característico instrumento da Beira Baixa – o adufe – e popularizaram lindas cantigas tradicionais da sua terra, como ‘Senhora do Almurtão’. O registo sonoro das suas vozes e das suas músicas está em conceituadas edições discográficas, emprestando uma inconfundível beleza melódica e instrumental a prestigiados espectáculos, de produção nacional e internacional. A França, a Alemanha e a Holanda já se deliciaram com as bonitas melodias de Monsanto.



**Amélia Fonseca**

Coordenadora

Amélia Fonseca começou a ouvir no berço as cantigas da tradição. A sua sensibilidade para as questões populares terá origem na raiz materna, de onde brotaram nacos de cultura e de sabedoria das coisas de antanho, ligadas às vivências do povo e materializadas nas cantigas e nas orações, nos actos de fé e de vida. A cantadeira e tocadora de adufe, de uma vocação incomum, será porventura, a alma das Adufeiras de Monsanto.

### Em que bases assenta o espectáculo das Adufeiras?

O espectáculo assenta na tradição. A sua sensibilidade para as questões populares terá origem na raiz materna, de onde brotaram nacos de cultura e de sabedoria das coisas de antanho, ligadas às vivências do povo e materializadas nas cantigas e nas orações, nos actos de fé e de vida. A cantadeira e tocadora de adufe, de uma vocação incomum, será porventura, a alma das Adufeiras de Monsanto.

### Em que bases assenta o espectáculo das Adufeiras?

O espectáculo assenta na representação das tradições populares de Monsanto, relativamente aos trajes e aos cantares e também a alguns costumes do passado, usuais do povo da aldeia. É assim que se revivem as práticas religiosas e profanas dos diversos ciclos do ano, das laneiras à Quares-

ma e ao Natal. Interpretamos rimances, canções religiosas, cantigas de trabalho

### Quantos elementos constituem o grupo?

Cerca de nove.

### Tem sido fácil conciliar a vida particular das pessoas que constituem o grupo com as inúmeras solicitações para espectáculos?

Tem sido um pouco difícil na medida em que os espectáculos onde participamos, pela sua importância, exigem a nossa presença durante alguns dias, e isso acarreta naturais entraves à vida particular de cada uma das mulheres. As férias são normalmente passadas em digressões.

### As raízes tradicionais de Monsanto continuam vivas ou apenas se rememoram no trabalho das Adufeiras?

Faz-me uma pergunta difícil, mas terei de dizer que são as Adufeiras quem na realidade preservam as raízes populares de Monsanto. Há tradições que continuam vivas, mas algumas pessoas e organizações estão a deturpá-las, o que me entristece. Estão a inventar situações que nunca existiram, o que considero seja grave. É isso que nos leva a intensificar o nosso trabalho de recolhas e a fazer o registo do riquíssimo património cultural de Monsanto. Decerto que um dia, quem de direito, virá a entender a razão que nos assiste. Tudo o que as Adufeiras estão a fazer cinge-se a um trabalho muito sério, respeitando a autenticidade e é rebuscado nas raízes tradicionais, completamente isento de fantasias. Todas as pessoas que participam o projecto das Adufeiras viveram os costumes dos seus antepassados. No meu caso concreto, a minha mãe sempre foi uma acérrima defensora das tradições, pelo que tudo o que faço no projecto que assumi, será como uma homenagem à memória de minha mãe, e não abduco desse princípio.

O linguajar popular é respeitado nas cantigas que

### o grupo interpreta?

Concerteza que respeitamos a fonética local, e doutra forma não estaríamos a ser fiéis à nossa própria cultura. Aliás, neste momento estamos a proceder a um trabalho de recolhas dos vocábulos de que já ninguém faz uso.

### Recorda com especial ênfase alguma actuação das Adufeiras?

Todas as nossas participações constituíram momentos muito importantes que nos marcaram profundamente e que jamais vamos esquecer. Somos muito apreciadas por grandes nomes do espectáculo, e evidenciamos o tratamento social que sempre somos alvo, independentemente da nossa condição humilde verificamos que não há distinção relativamente a outros artistas; onde se alojam as grandes figuras, se instalam também as Adufeiras. Mas não será pelo tratamento VIP que nos oferecem que vamos alterar a nossa postura; seremos sempre as Adufeiras. Recordo com especial realce a nossa participação no espectáculo de Ricardo Pais, “Raízes Rurais, Paixões Urbanas”, exibido no Teatro Nacional S. João do Porto, em Paris, no Teatro da Trindade, em Lisboa e no Teatro Viriato, em Viseu, num total de vinte sessões, todas com lotações esgotadas. Vivemos momentos inolvidáveis neste espectáculo, como noutros, nomeadamente o espectáculo especialmente preparado para a Expo’98, exibido na Praça Sony, no anfiteatro da Doca e no Promenade. Ainda na Expo’94, em Hannover, na Alemanha. ■



**Laura Mendes Pedro**

Coordenadora

D. Laura Pedro tem uma paixão muito grande por tudo aquilo que constitui tradição. Canta e toca o adufe, é ainda a bordadeira dos lindos xales que ornaram as costas das Adufeiras de Monsanto. A tradição permanece viva nas recordações que guarda na memória. Por isso as cantigas que hoje interpreta são uma revivência do passado, que protagonizou na sua meninice e juventude. E fá-lo com muito amor e dedicação.

### O tão popularizado trecho “Senhora do Almurtão” pode considerar-se um ex-libris do folclore da Beira Baixa?

Penso que sim. Em toda a região de Idanha se canta a “Senhora do Almurtão”, embora com diferenças, na música e na própria letra. Recolhemos recentemente uma versão, muito antiga, que nos foi ensinada por uma senhora já com algumas falhas de memória, mas que ainda permitiu a composição original.

### Mas há outras cantigas que se popularizaram em Monsanto?

Há imensas, como “Lá em Cima o Castelo”, que é uma jóia querida da Dr.ª Salwa Castelo Branco, ou ainda “A Divina Santa Cruz”, de origem Árabe. Também “A Velhinha”, escolhida por Zeca Afonso: “Quando eu era pequenina / Acabada de nascer / Ainda mal

abria os olhos / Já era para te ver”. E tantas outras.

### O adufe, tão popular nesta região, como era utilizado na animação do povo?

Era o único instrumento musical feminino, enquanto o realejo e a concertina era para os homens. Aos domingos à tarde e nas festas, as raparigas iam para os terreiros, cantava-se, dançava-se ao som destes instrumentos e das vozes.

### Destaca alguma participação que tivesse marcado de uma forma mais distinta a actividade das Adufeiras de Monsanto?

Não destaco nenhuma porque de todas guardo grandes e inesquecíveis recordações, da primeira, que foi no espectáculo “Raízes Rurais, Paixões Urbanas”, à última.

### Tendo havido especial cuidado com o reportório. Como foi com os trajes?

Os trajes também nos mereceram muito cuidado, naturalmente. Temos muitas peças originais, mas fizemos réplicas. Respeitámos religiosamente tudo aquilo que se usava no passado, como os desenhos dos bordados e até a cor dos tecidos e das linhas.

### Recolhem com facilidade peças antigas, doadas por quem as possui, com vista a um futuro museu?

Não é fácil conseguirmos que as pessoas se desfaçam dessas peças. Lamentavelmente, cada mulher que morre em Monsanto leva um maravilhoso lenço de seda na mortalha, como outras peças. Por outro lado as pessoas não têm sensibilidade para a preservação dessas peças, e muitas vezes deitam para o lixo, porque já está velho...

## Currículo

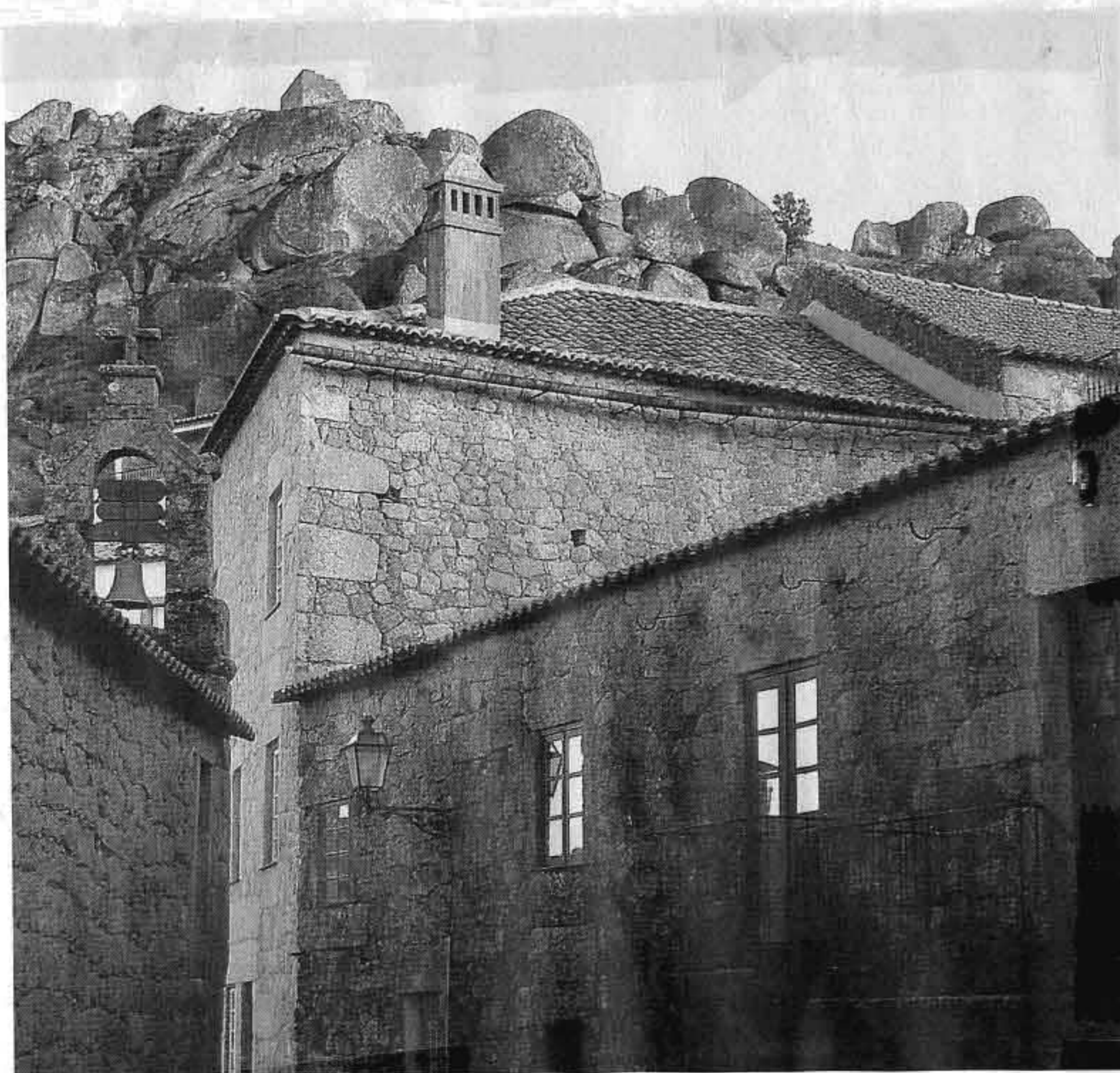
As Adufeiras de Monsanto constituíram-se em grupo de trajes, cantares e toques de Monsanto em 1977. O objectivo foi o da preservação e divulgação

do riquíssimo património tradicional de Monsanto. O típico adufe é o instrumento base nas suas representações. Regista no seu palmarés centenas de actuações em todo o país e no estrangeiro, onde actuaram pela primeira vez em 1977, participando no XII Festival Internacional de Folclore da Jugoslávia, em Zagreb. Outras actuações internacionais verificaram-se em 1997, integradas no espectáculo “Raízes Rurais, Paixões Urbanas”, de Ricardo Pais (França). Em 1999 colaboram no Festival de Cultura Portuguesa, na Alemanha, em Hamburgo e no Festival Internacional das Mulheres, em Hamburgo. Em 1994 participaram na Expo 94, em Hannover, na Alemanha, e ainda em Tilburg, na Holanda. Empréstam as suas vozes e musicalidade a gravações discográficas de relevância, como um CD patrocinado pelo Instituto Internacional for Traditional Music (Berlim); CD da série “Vozes do Mundo”, produzido pela Cité de La Musique e Edições Actes Sud (Paris); CD “Chorinho Feliz”, de Maria João e Mário Laginha e CD da Orquestra Nova Harmonia.

A sua colaboração tem sido igualmente solicitada para integrar o elenco de grandes musicais e concertos, como “Evocação do Mar”, integrado na programação da Expo 98, “Parque Maior” (1999), “O Adufe”, de José Sargueiro (Auditório do Centro Cultural de Belém e Aula Magna (Lisboa), Palácio Cristal e Coliseu (Porto) e “Raízes Rurais, Paixões Urbanas” (Teatro Nacional S. João (Porto), Teatro da Trindade (Lisboa), Teatro Viriato (Viseu) e Grande Salle da Cité de la Musique, em Paris.



# Monsanto, “a aldeia mais portuguesa de Portugal”



O concurso “A aldeia mais portuguesa de Portugal” foi organizado em 1938 pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). O evento pretendia celebrar a aldeia do território continental que “maior resistência tivesse oferecido a decomposições e influências estranhas e apresentasse o mais elevado estado de conservação no mais elevado grau de pureza numa série de características” definidas num regulamento do SPN. A escola de Monsanto teve contornos de afirmação absoluta e definitiva.

(...) Monsanto ganhou não só porque correspondia a todas as bases do regulamento do concurso mas porque, segundo o júri, era a aldeia cuja impressão quanto à fisionomia nos dias normais, e não só no dia da visita, era mais consentânea com o que se procurava premiar. Mas a razão profunda para essa escolha era o facto de esta aldeia materializar todos os conceitos estruturantes do Estado Novo, objectificando os traços culturais e, por via destes, a ideologia de Salazar. Era uma aldeia de reconhecida fisionomia histórica de carácter nacionalista, cristão, tradicional, heróico, trabalhador. A fisionomia histórica era-lhe garantida pelo carácter primitivo, e por isso verdadeiro, surpreendente, encantador, fiel, e que representava “a alma indómita do guerreiro” (Diário de Lisboa), uma das mais antigas povoações da Beira Baixa, com o seu castelo invencível, plena de lendas históricas, de uma história que se perde na noite dos tempos.

Embora heróica, a aldeia permanecia modestamente pitoresca, com grande interesse etnográfico e riqueza folclórica (ma música, nos trajes, nos usos e nos costumes), as duas características de terra heróica pelos pergaminhos históricos e pelo seu arcaísmo manifesto e natural, que atribuem uma “rara vitalidade dessa raça pelo apego à tradição” (Diário de Lisboa), única via para o fortalecimento da alma dos povos. A higiene que se espera das terras, apesar dos traços primitivos, no comércio, indústria e técnicas, é um conceito que reforça a ideia de verdade.

Os habitantes reflectem aos olhos do júri todas esta imagem: são trabalhadores, pacientes, tradicionalistas, nobres e cristãos decididos a seguir “o trilho difícil das virtudes” são sempre fidalgos com o seu título nobiliárquico, são pessoas mansas, indiferentes, secas e musculadas, sóbrias, amavelmente passivas, respeitadoras, sem agressividade, até nas festas são mas graves... em sintonia com o desiderato de Salazar: viver habitualmente.

A simbólica das pedras é constantemente utilizada para descrever a aldeia vencedora e os seus habitantes: está nas casas, no brasão da igreja, está na montanha e no castelo unidos indelevelmente, está na pela dos Monsanto – “Monsanto é um bloco de granito com alma, alma omnipresente – a alma da pátria, a alma da raça, da raça portuguesa”. Por um lado, a muralha é natural e totalmente integrada na ro-

cha, é indestrutível, não vacila, criando assim a farol da nacionalidade, o padrão das glórias, sentinela vigilante da nossa independência, berço de guerreiros e heróis. É uma terra enroscada, integrada na montanha, numa paisagem impressionante, forte, bravia, heróica, virgem, sem sorriso e de carácter coriáceo. A fibra dos habitantes, a feição da paisagem são a afirmação dum princípio de unidade: a aldeia é a montanha e a montanha é o homem”. A aldeia e os seus habitantes trazem a ideia a antiguidade, a luta contra os inimigos em nome da defesa da integridade da nação, a fundação antiquíssima, os usos e os costumes, a situação urbanística da aldeia, a sagrado e a confiança no outro. Por tudo isto Monsanto teria de ganhar. Era o complexo simbólico onde estavam reunidas todas as condições para o bom funcionamento do Estado Novo. As razões apontadas para a escolha não eram obviamente essas, mas também não ocultavam esse objectivo metonímico.

(...) A aldeia de Monsanto corresponde exactamente ao que se pretendia com o concurso: “outra não há que lhe ganhe em pontos, em formosura, em favores da natureza, em benevolência de clima, em costumes patriarcais, em paz, em simplicidade, santidade” (Diário de Notícias).

*Pedro Félix, in ‘Vozes do Povo – a folclorização em Portugal’, de Salva Castelo Branco e Jorge Freitas Branco*



O TRABALHO DE REPORTAGEM COM AS “ADUFEIRAS DE MONSANTO” CONTOU COM O APOIO DA RÁDIO CLUBE DE MONSANTO (98.7 e 107.8 FM)